

Iraque: um exército que soube aprender com seus próprios erros

Álvaro de Souza Pinheiro*

O 11 de Setembro de 2001 marcou o alvorecer de uma nova era nas relações internacionais; uma era em que os desafios poderão ser inéditos tanto na complexidade quanto na natureza... Se tivermos que enfrentar a miríade de desafios, em diferentes partes do mundo, nas décadas que virão, este país deve estar capacitado a integrar e aplicar todos os elementos do poder nacional... Novas instituições serão necessárias para o século XXI, novas organizações com uma nova mentalidade.

Robert M. Gates¹

O conflito irregular assimétrico

Osama bin Laden e a Al Qaeda contestaram, abrupta e violentamente, as tradicionais ideias de que a guerra é uma exclusividade dos Estados nacionais e de que as formas de combate contemporâneas, plenas de táticas, técnicas e procedimentos de guerra irregular, introduzidas por organizações não estatais de diferentes matizes, em diferentes épocas e em diferentes partes do mundo, não passariam de aberrações inaceitáveis.

Uma ideia retrógrada, patética e anacrônica que foi (e continua sendo) paga com significativa dose de sangue em diferentes ambientes operacionais, nos quais autoridades políticas e militares, por diferentes razões, não souberam lidar com a presença armada e violenta dos novos atores não convencionais e, sobretudo, recusaram-se a aceitar as impositivas transformações consequentes.

Na verdade, a presença de forças irregulares desafiando potências militares não é algo

novo. Mas toda vez que se presencia um ator não estatal enfrentando forças militares de grande poder de combate, perseguindo seus objetivos estratégicos, sejam eles políticos, ideológicos, religiosos ou étnicos, sem armamentos, efetivos e estratégias convencionais, isto ainda se faz motivo de grande surpresa.

O chamado conflito irregular assimétrico, identificado universalmente como a 4ª Geração da Guerra, consensualmente reconhecido, na atualidade, como o conflito característico do século XXI, trouxe transformações radicais. Fica cada vez mais evidente que uma visão holística, envolvendo sistemicamente todos os campos do poder nacional, se faz impositiva no enfrentamento das atuais ameaças.

Por outro lado, a transformação militar necessária para a consecução dessa aproximação holística no emprego do poder nacional não se faz apenas com a modernização científico-

* General de Brigada na Reserva, especialista em operações especiais e guerra irregular.

¹ Secretário da Defesa dos EUA, "Landon Lecture", Kansas State University, 26-11-2007.

tecnológica ou dos arsenais de armamentos e munições. Compreende significativas mudanças na doutrina e na estrutura das forças, e o desenvolvimento de novas formas de confrontação indireta. Na verdade, uma resposta eficiente e eficaz às ameaças do Conflito de 4ª Geração está muito mais fundamentada no desenvolvimento de capacitações de liderança nos diferentes escalões do que nos sistemas de armas, emprego de grandes efetivos e altos investimentos em tecnologia.

Raciocínio pragmático, lúcido e desassombrado, criatividade, determinação e um certo grau de desprezo pelo pensamento convencional tornam-se, cada dia mais, características de liderança indispensáveis aos atuais comandantes, em todos os níveis, para a consecução bem-sucedida de campanhas de contrainsurreição e contraterrorismo, quaisquer que sejam os ambientes operacionais em presença.

Os teatros de operações do Afeganistão e do Iraque são, atualmente, dois verdadeiros laboratórios de guerra irregular, no seu espectro mais amplo, envolvendo, sobretudo, tanto a insurreição e a contrainsurreição quanto o terrorismo e o contraterrorismo. Daí porque analistas, pesquisadores e observadores de todo o mundo acompanham com vivo interesse as marchas e contramarchas das facções antagônicas envolvidas nesses complexos e violentos ambientes operacionais.

Um verdadeiro laboratório de contrainsurreição e contraterrorismo

Cinco anos são passados desde a invasão do Iraque por forças de uma coalizão liderada pelos EUA. Após a conquista de Bagdá, efetuada sem maiores desgastes, muito pelo contrário, até com certa facilidade,

os primeiros 18 meses da campanha foram simplesmente desastrosos.

Um estudo oficial publicado, em junho de 2008, pelo *Office of the Chief of Staff U.S. Army*, intitulado *On Point II* (seu primeiro volume, *On Point*, reportou apenas o assalto inicial e a conquista de Bagdá — Operação *Iraqi Freedom*; este segundo volume cobre as operações de maio de 2003 a janeiro de 2005), registra de forma inequívoca que o Departamento de Defesa e o Exército dos EUA estavam despreparados para os desafios a serem enfrentados após a destruição das forças militares iraquianas e a consequente derrubada de Saddam Hussein.

E por que o componente da Segurança Nacional americana, grande responsável pela decisão de desencadear a chamada “Guerra Global contra o Terror”, em cujo bojo foi inserida a ativação do Teatro de Operações no Iraque, mostrou-se tão despreparado para a insurreição e o caos que se seguiram à queda de Saddam? Porque não havia um planejamento coerente e com a devida consistência para transformar a bem-sucedida e rápida evolução tática inicial em sucesso estratégico. Segundo conceituados historiadores, em maio de 2003, a situação evocava um antigo aforismo: “Se você não sabe aonde vai, qualquer caminho o levará lá!”

Entretanto, o criterioso estudo transcrito no *On Point II* rejeita a fácil justificativa, ainda que correta e fundamentada, de que a mais alta liderança política americana teve a maior parcela de responsabilidade e se concentra nas idiosincrasias e erros vivenciados dentro do próprio Exército. O referido estudo enfatiza que o então Comandante do mais alto escalão em presença, General Tommy Franks, não visualizava a situação no Iraque pós-guerra como uma sua responsabilidade de longo termo. *On Point II* registra que, em

mensagem enviada ao Departamento de Defesa e à Junta Conjunta de Chefes de Estado-Maior, Franks declara: “Estou engajado no momento presente, cabendo a vocês o dia de amanhã!” Na verdade, ninguém se preocupou com o *day after*. O então Comandante do Exército, General Eric Shinzeki, naquele momento, argumentou que um efetivo de maiores proporções se fazia necessário. Todavia, o então Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, entendeu que não era o caso e que as soluções aos problemas advindos de um regime de transição ficariam a cargo do *Coalition Provisional Authority* (nomeado pelo Presidente Bush), Paul Bremer, o qual, catastroficamente, decidiu logo ao início de sua gestão dissolver o Exército iraquiano, um dos mais graves equívocos estratégicos efetuados e que viria a ter dramáticas consequências num futuro em curto prazo.

Entretanto, apesar de todos os pesares, mesmo na perspectiva dos mais acirrados críticos da política de relações exteriores do Presidente Bush, é indiscutível que o Exército dos EUA, pragmaticamente, soube aprender com base nos seus próprios erros e reverteu de forma contundente a situação.

Uma doutrina coerente e atualizada, incorporando ensinamentos colhidos em experiências vivenciadas em diferentes épocas e diferentes ambientes operacionais — incluindo Afeganistão e Iraque —, foi consubstanciada num novo manual, o FM 3-24, *Counterinsurgency*, elaborado sob a liderança do General David Petraeus, quando Comandante do *US Army Combined Arms Center* (Fort Leavenworth/Kansas), e adotado em conjunto pelo Exército e pelo Corpo de Fuzileiros Navais. Esse manual é, hoje, universalmente considerado o documento doutrinário mais atualizado para operações dessa natureza. No que se refere ao de-

sencadeamento das operações no terreno, fundamentalmente, o Exército dos EUA aprendeu a integrar com eficiência e eficácia as unidades convencionais com as forças de operações especiais, o que lhe possibilitou reduzir significativamente o poder de combate dos integrantes da Al Qaeda iraquiana, extremistas sunitas, milícias xiitas e bandoleiros de diferentes matizes nos mais remotos vilarejos do país.

Aprendeu a trabalhar em conjunto com os líderes tribais iraquianos, aproveitando-se das forças irregulares por eles conduzidas — e orientadas pelas Forças Especiais da Coalizão — para negar áreas de homizio aos fundamentalistas radicais de todos os matizes.

Aprendeu a equilibrar operações de combate cirúrgicas, embora de grande letalidade, com a ação humanitária de Equipes de Reconstrução Provincial (*Provincial Reconstruction Teams*).

Aprendeu a tornar as Forças de Segurança Iraquianas, anteriormente desgastadas pela corrupção e infiltradas por terroristas, em Unidades disciplinadas e adequadamente adestradas. Hoje, essas Forças ganharam credibilidade a ponto de estarem decisivamente engajadas em importantes centros urbanos, como Basra, com expressivos resultados positivos.

Tudo isso com uma significativa redução no número de baixas, tanto na Força Multinacional da Coalizão quanto nas Forças de Segurança Iraquianas.

Sobretudo, aprendeu que as tarefas da contrainsurreição e do contraterrorismo exigem uma unidade de esforços só alcançada por um excelente trabalho de coordenação interagências, envolvendo não apenas um grande número de agências civis governamentais, como também de não governamentais. E o papel do Exército nessa coordenação entre instituições tremendamente diferenciadas pelos mais diversos processos de

tomada de decisões, algumas até mesmo com metodologias extremamente incipientes nesses processos, torna-se fundamental.

O General David Petraeus, além de ter exercido o Comando da 101ª *Airborne Division* (*Air Assault*) naquele Teatro de Operações e ter liderado a elaboração do novo manual de campanha em Fort Leavenworth, foi o Comandante da Força Multinacional da Coalizão desde o início de 2007 até agora. Nesse período, sua ação de comando, fruto de uma liderança ímpar, propiciou uma significativa reversão na situação vivenciada naquele conflito. Recentemente, o General Petraeus foi promovido e não foi por mera coincidência que recebeu o Comando do *Central Command* (CENTCOM), Comando Unificado que tem o Iraque e o Afeganistão na sua área de responsabilidade. Também não é por mera coincidência que o seu substituto no Comando da Força Multinacional no Iraque seja o General Raymond Odierno, Comandante do Corpo de Exército e seu subordinado de mais alto nível hierárquico naquele período.

Dessa forma, fica assegurada a continuidade da sua muito bem-sucedida ação de comando. Antes de passar o Comando, o General Petraeus elaborou e divulgou uma Diretriz de Comando extremamente valiosa, porque sintetiza alguns dos mais significativos ensinamentos colhidos naquela complexa e sangrenta Campanha.

Diretriz de contrainsurreição do comandante

Diretriz de Contrainsurreição do Comandante da Força Multinacional do Iraque
Quartel-General,
Força Multinacional — Iraque
Bagdá, Iraque
AO AE 09342-1400, 21 de junho de 2008.

Proporcione segurança e sirva à população. O povo iraquiano é o “terreno” decisivo. Juntamente com os nossos parceiros iraquianos, trabalhe para prover segurança à população, para dar-lhe respeito, para ganhar o seu apoio e para facilitar o estabelecimento de uma governança local, a restauração dos serviços essenciais e o renascer das economias locais.

Viva junto à população. Nesta luta, não há como abrir mão dessa proximidade. Posicione seus postos de segurança, postos avançados de combate e bases de patrulha nos bairros que pretende assegurar. Viver junto à população é essencial para protegê-la e para derrotar os insurretos.

Mantenha as áreas que forem asseguradas. Uma vez vasculhada uma área, ela deve ser mantida. Desenvolva o plano de manutenção da área antes de desencadear o vasculhamento. A população precisa ter ciência de que nós e nossos parceiros iraquianos não abandonarão as suas vizinhanças. Por ocasião de uma eventual redução de efetivos e de presença, diminua gradualmente a quantidade de tropa em vez de transferir responsabilidade ou retirar-se de uma vez. Assegure-se de que o nível de conhecimento da situação permaneça alto, mesmo depois da transferência de responsabilidade para as Forças de Segurança Iraquianas.

Persiga o inimigo implacavelmente. Localize e persiga tenazmente a Al Qaeda iraquiana e outros elementos extremistas. Não lhes permita a retenção de áreas de apoio ou “santuários”. Force o inimigo a nos responder. Negue-lhe a capacidade de planejar e conduzir operações deliberadas.

Produza unidade de esforços. Coordene operações e iniciativas com a nossa Embaixada, outras agências, nossos parceiros iraquianos, líderes governamentais locais e organi-

zações não governamentais, a fim de assegurar-se que todos estão trabalhando para a consecução de uma finalidade comum.

Promova a reconciliação. Não podemos concluir esta campanha matando. Nós e nossos parceiros iraquianos temos de identificar e separar os “reconciliáveis” dos “irreconciliáveis”, por meio de engajamentos, medidas de controle da população, operações de informações, operações de combate e atividades políticas. Devemos esforçar-nos para fazer dos “reconciliáveis” parte da solução, mesmo enquanto identificamos, perseguimos, matamos, capturamos ou expulsamos os “irreconciliáveis”.

Vença a rede e não apenas o ataque. Derrote as redes insurretas responsáveis pela explosão. Priorize os recursos de inteligência para identificar a rede por trás de um ataque e, em seguida, persiga os líderes, patrocinadores, apoios logísticos e operadores.

Promova a legitimidade iraquiana. Encoraje a liderança e a iniciativa iraquianas; reconheça que o seu sucesso é o nosso sucesso. Compartilhe com eles tudo o que fazemos e apoie o envolvimento local na segurança, governança, renascimento econômico e provisão de serviços públicos essenciais. Encontre o adequado equilíbrio entre a liderança das Forças de Coalizão e o exercício da liderança e da iniciativa dos parceiros iraquianos e estimule este último. A legitimidade aos olhos do povo iraquiano é essencial ao êxito total.

Empregue todos os recursos para isolar e derrotar os terroristas e insurretos. Forças contraterroristas isoladas não podem derrotar a Al Qaeda e outros extremistas. O sucesso requer todas as forças e todos os meios à disposição, tanto combatentes quanto não combatentes. Empregue as forças convencionais e de operações especiais da coalizão e iraquianas, os “Filhos do Iraque”, e todos os demais multiplica-

dores de força disponíveis. Integre esforços civis e militares para fundamentar ganhos de segurança. Apoie e lute descentralizadamente. Disponibilize recursos nos escalões inferiores que mais os necessitam e que realmente possam utilizá-los.

Empregue o dinheiro como um sistema de armas. Utilize um processo como de “tiro ao alvo”, de modo a obter a maximização de cada “cartucho disparado” e para assegurar-se de que cada engajamento usando dinheiro contribui para a consecução dos grandes objetivos da Unidade. Assegure-se de que as atividades de contratação apoiam o esforço de segurança, empregando pessoal local quando for possível. Utilize o conceito de “fundo equiparado” quando possível, a fim de assegurar o envolvimento e o comprometimento iraquiano.

Lute pela Inteligência. O conhecimento detalhado da situação é tudo. Analise a inteligência obtida, compartilhe-a e esforce-se por mais. Cada patrulha deve ter tarefas específicas no sentido de incrementar o conhecimento sobre a área de operações e sobre o inimigo. Opere com a mentalidade do “necessário compartilhar” em vez do “necessário saber”; dissemine a inteligência tão logo quanto possível a todos aqueles que possam beneficiar-se dela.

Caminhe. Desloque-se embarcado, opere desembarcado. “Pare em...”; “não passe por...”. Patrulhe a pé e engaje a população. Estimativas da situação só podem ser obtidas interagindo face a face com a população, e não separados por vidros balísticos.

Compreenda a vizinhança. Mapeie o “terreno” humano e estude-o em detalhes. Compreenda a cultura e a história local. Conheça sobre as tribos, líderes formais e informais, estruturas governamentais e forças de segurança locais. Compreenda como sistemas locais trabalham, incluindo governança, serviços essenciais,

manutenção de infraestrutura e economia, e como realmente funcionam.

Estabeleça relações pessoais. Os relacionamentos são um componente crítico das operações de contrainsurreição. Junto com nossos parceiros iraquianos, esforce-se para estabelecer vínculos produtivos com líderes locais, chefes tribais, funcionários governamentais, líderes religiosos e aliados de outras agências.

Procure soluções sustentáveis. Estabeleça mecanismos pelos quais as Forças de Segurança Iraquianas, líderes comunitários iraquianos e iraquianos locais sob o controle de instituições governamentais possam continuar a assegurar áreas locais e sustentar dividendos econômicos e de governança nas suas comunidades, quando a presença da Força de Coalizão for reduzida. Entenda os sistemas iraquianos e ajude-os a fazê-los funcionar.

Mantenha a continuidade e o ritmo durante as transições. Comece elaborando as informações que você passará aos seus sucessores no dia em que for substituído. Possibilite que aqueles que vão substituí-lo possam, virtualmente, “olhar por cima do seu ombro”, enquanto ainda estejam nas suas bases originais, dando-lhes acesso às suas atualizações diárias e a outros tópicos dos relatórios classificados informatizados. Estimule períodos de tempo adicionais no terreno durante a transição e esforce-se para manter o ritmo operacional e os relacionamentos locais, evitando ceder oportunidades ao inimigo.

Gerencie as expectativas. Seja cauteloso e equilibrado ao abordar progressos. Mostre o que foi alcançado, mas também exponha o que falta ser feito. Evite declarações de sucesso prematuras. Assegure-se de que nossos combatentes e nossos parceiros estão cientes das nossas avaliações e reconheça que qualquer operação contrainsurreição tem inúmeros desafios, nos

quais o inimigo está sempre presente, e que o progresso provavelmente será lento.

Seja o primeiro com a verdade. Apresente informação precisa à sua cadeia de comando, aos líderes iraquianos e à imprensa, tão logo quanto possível. Derrote os insurretos, extremistas e criminosos nas manchetes e antecipe-se aos boatos. A integridade é crítica nesse combate. “Não passe batom em porcos.” Admita reverses e falhas e então exponha os ensinamentos colhidos e qual será a resposta. Mantenha a imprensa e nós mesmos comprometidos com a exatidão, a caracterização e o contexto. Evite rodeios e deixe os fatos falarem por si mesmos. Desafie a desinformação inimiga. Devolva aos inimigos suas mensagens falidas, ideologias extremistas, práticas opressivas e a sua violência indiscriminada.

Lute a guerra da informação implacavelmente. Compreenda que estamos numa luta pela legitimidade, em cujo final seremos vencedores ou derrotados, em função da percepção do povo iraquiano. Cada ação realizada pelo inimigo e pelos EUA tem implicações na arena da opinião pública. Desenvolva e sustente uma narrativa que funcione e que oriente continuamente os temas por meio de todas as formas dos meios de comunicação.

Vivencie os nossos valores. Não hesite em matar ou capturar o inimigo, mas mantenha-se fiel aos valores que consideramos fundamentais. Isto é o que nos diferencia dos nossos inimigos. Não há tarefa mais árdua do que esta em que estamos engajados. Ela é frequentemente brutal, exigente fisicamente e frustrante. Todos nós vivenciamos momentos de raiva, mas não podemos ceder a impulsos tenebrosos, nem tolerar ações inaceitáveis por outros.

Exercite a iniciativa. Na ausência de diretrizes ou ordens, determine o que deve ser fei-

to e execute agressivamente. Líderes de escalões mais altos visualizarão a situação de forma mais ampla e “pintarão faixas brancas na estrada”, mas será nos escalões táticos mais baixos que as “grandes ideias” serão transformadas em ações específicas.

Prepare-se para as oportunidades e explore-as. “A sorte é o que ocorre quando a preparação encontra a oportunidade” (*Seneca the Younger*). Desenvolva conceitos (tais como o dos “reconciliáveis” e “irreconciliáveis”), antecipando-se às possíveis oportunidades, e esteja preparado para arriscar-se o suficiente para delas tirar proveito.

Aprenda e adapte. Avalie a situação continuamente e ajuste táticas, políticas e programas conforme necessário. Compartilhe boas ideias (nenhum de nós é mais inteligente do que todos nós juntos). Evite a complacência mental ou física. Nunca esqueça que o que funciona numa determinada área hoje pode não funcionar amanhã; e poderá ou não ser transferido para outra parte do Iraque.

Esta Diretriz, que sintetiza os mais relevantes ensinamentos colhidos na Campanha de Contrainsurreição e Contraterrorismo no Iraque, está sendo considerada por analistas militares de diferentes países como mais uma contribuição muito bem fundamentada e extremamente atualizada dada à Arte Operacional pelo General David Petraeus.

O futuro do Iraque

A Estratégia do “Surge”, como ficou identificado o emprego temporário de um efetivo adicional de 30.000 combatentes, autorizado pelo Presidente Bush, foi desencadeada em fevereiro de 2007, sob o comando dos generais Petraeus e Odierno. E, de acordo com analistas de diferentes países, pode ser considerada

o grande divisor de águas das expectativas vivenciadas naquele teatro.

Hoje, a situação é bastante diferenciada daquela, anterior ao “Surge”, em meados de 2006, quando tudo levava a crer que não havia outra linha de ação a adotar, a não ser aquela defendida pelos críticos do governo Bush, cuja essência era admitir a eclosão de uma guerra civil irreversível entre curdos, sunitas e xiitas, e abandonar o teatro.

Uma vez derrubado Saddam, o grande objetivo americano era estabelecer no Iraque uma nação democrática unificada com um forte governo central. Um país que viesse a ser um expressivo exemplo para os demais Estados nacionais do Oriente Médio. Hoje, em função de múltiplos fatores, fica claro que tal objetivo não pode ser alcançado. Os árabes iraquianos, típicos produtos de uma sociedade tribal oprimida, durante anos, por uma violenta ditadura sunita, em função de um ódio sectário que compromete sobremaneira sua identidade nacional, têm muito pouco interesse no estabelecimento desse modelo de democracia americano.

Por outro lado, em função da significativa reversão de expectativas no cenário, sobretudo no que se refere à segurança, até mesmo opositores do governo Bush reconhecem que, na atualidade, identifica-se uma série de aspectos positivos.

O governo constituído, liderado pelo Primeiro-Ministro Nouri al-Maliki, ganhou uma legitimidade ímpar, tanto nacional quanto internacionalmente. A população iraquiana tem respondido crescentemente no comparecimento às diversas eleições já realizadas. O trabalho de reconstrução dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bem como a restauração da economia e dos serviços públicos essenciais, prossegue com boa dose de impulsão e

cada vez mais efetiva participação iraquiana. As diferentes comunidades, curda, sunita e xiita, estão encontrando denominadores comuns de gerência governamental, o que já permite deduzir-se que o separatismo tão latente no passado foi definitivamente ultrapassado, apesar de que também fique claro que o governo central tem reconhecido que, positivamente, deve ceder uma maior parcela de autonomia a essas comunidades.

Por tudo isso, apesar das idiosincrasias anteriores, o povo americano e, particularmente, seus militares podem se orgulhar do trabalho, do sacrifício e da abnegação até aqui desenvolvidos.

O futuro do Iraque está, sobretudo, fundamentado na presença efetiva de tropas dos EUA ainda por um tempo de difícil prognóstico. A retirada antecipada desses efetivos, com certeza, propiciará a eclosão de antagonismos e pressões que, sem dúvida, levarão novamente o país ao caos. Nesse contexto, há de se considerar a sempre presente influência iraniana sobre a comunidade iraquiana xiita e da Al Qaeda sobre a comunidade iraquiana sunita. Há de se ter em mente também como fatores

complicadores que ganham peso específico num “cenário da pior hipótese” a política nuclear altamente belicosa do Irã e os desajustes entre o Estado de Israel e a Autoridade Nacional Palestina, que não permitem a visualização de uma paz duradoura, em curto prazo.

Além disso, há de se levantar mais um fator adverso que é a crescente restauração do Movimento Talibã no Teatro do Afeganistão, que já está a exigir um significativo incremento de tropas dos EUA naquele país. Tal desdobramento demandaria obrigatoriamente a retirada de Grandes Unidades do Iraque para o Afeganistão.

O comandante-em-chefe das Forças Armadas dos EUA, já a partir de janeiro de 2009, tomará decisões cujas consequências político-estratégicas serão dramaticamente relevantes. E, com certeza, o bom senso recomenda que esta autoridade suprema ouça com redobrada atenção os chefes militares, quando desse complexo e crítico processo decisório.

Políticos costumam enfatizar a máxima de que “aqueles que não aprendem da história estão condenados a repeti-la”. Na Campanha do Iraque, o Exército dos EUA tem como ideia-força colocar este preceito na prática. ●

Referências

- PETRAEUS, David. *Report to Congress on the Situation in Iraq. 10—11 September 2007. Commander Multi-National Force-Iraq.* UNITED STATES OF AMERICA. *Department of Army. Counterinsurgency (FM 3-24, MCWP 3-33.5). Headquarters, December, 2006.*
- . *Department of Army. On Point: Operation Iraqi Freedom Study Group. Office of the Chief of Staff U.S. Army, Washington, D.C., 2004.*
- . *Department of Army. On Point II. Office of the Chief of Staff U.S. Army, Washington, D.C., 2008.*